

Next. Eu sabia que a peça era alternativa, que os atores trabalhavam no escuro. Imaginei então uma experiência sensorial forte, mas nunca pensei que fosse tanto! Vesti uma calça comprida preta de jérsei bem molengo, folgada, e uma blusa de tule verde-cana, meio transparente. Chegando ao teatro, ficamos bebendo cerveja no bar, enquanto esperávamos o início. O ingresso era um copo descartável de vinho para as mulheres e outro, de uísque para os homens. Ficaríamos em salas separadas. Quando nos chamaram, subimos para a sala destinada a cada grupo. Havia uma antecâmara na penumbra, onde tiramos os sapatos. Alguém com uma pequena lanterna levantou a cortina que dava para a cena principal. Não vi quem era, estava tão escuro... A pessoa me entregou um pedaço de papel higiênico e segurou a minha mão, me puxando para dentro. Senti, já que não podia ver, que era uma mulher, pelo cabelo comprido arrumado de um jeito que homens não usam, um cabelo que chegava à cintura, e pelas mãos, que eram pequenas. Ela me guiou com a lanterna minúscula, que só iluminava mesmo o caminho na frente da gente. Passei por outra cortina, como se fosse veludo, e caminhei por um chão coberto com plástico negro. Pelo menos, era o que parecia. As paredes também deviam estar cobertas por esse plástico, já que eu não conseguia ver coisa nenhuma, só o foco da lanterninha.

A mulher e eu entramos numa sala absolutamente escura, a não ser por um pequeno ponto de luz vermelho na parede oposta, que estava distante de mim. A mulher me sentou numa poltrona de veludo. Pude perceber um tapete felpudo aos meus pés e vários objetos jogados no chão, mas eu não distinguia nada direito. Outras pessoas também entraram, percebi que já tinha gente sentada que tinha entrado primeiro, e ficamos aguardando. Ninguém falava, eu apenas sentia que outras pessoas iam entrando e sentando em outros lugares, próximos a mim mas sem nenhum contato comigo.

Isso tudo foi criando uma grande expectativa... O que será que iriam fazer? Uma pessoa pegou a minha mão, apalpou o copo e serviu vinho branco gelado, que eu comecei a beber. Alguém acendeu um incenso. E uma mulher começou a falar, com uma voz meio grave, uma pronúncia bastante clara, em meio aquele escuro absoluto. Eu poderia fechar os olhos e só deixaria de ver o ponto vermelho e a brasa do incenso. Ela perguntou, aparentemente pra ninguém: “você sempre faz isso?”. Então, um homem respondeu, como se estivesse em outro lugar, falando por meio de um alto-falante. Para mim, era como se eu estivesse ouvindo a voz dele pelo telefone, e essa era mesmo a intenção dos dois atores. Ele respondeu que nunca tinha feito aquilo, não daquele jeito, mas tinha se interessado por ela. A conversa tinha um tom erótico, mas era como se eles não se conhecessem. Ela disse que estava deitada e perguntou como ele estava vestido. “Com um roupão”, disse ele. Ela: “Estou nua”.

Ah, ainda penso naquele diálogo, eu nunca tinha ouvido aquilo nem em filmes pornográficos. Eu nunca tinha lido aquilo nem em revistas de sacanagem. E era a mulher quem falava as coisas mais pesadas, mas cruas, difíceis de repetir. Mas ela perguntou como ele gostava, como ele fazia, com quem, com quantos... Perguntou onde ele mais gostava de fazer, o que preferia comer, onde enfiava, e ele meio reticente. Ela foi ficando meio puta com ele, “vai me dizer que você nunca pensou nisso, nunca tentou isso?”, e ele, “bem, até pensei, mas...”. Ela continuou dizendo escatologias enquanto acendia um baseado e fumava in-tei-ri-nho na nossa frente.

De repente, a voz dela chegou bem perto de mim. Falando, ela se sentou no chão, se encostou nas minhas pernas, passou o telefone por elas, deitou a cabeça no meu colo... E me

entregou uma taça de vinho, uma taça de cristal, com um bom vinho tinto por dentro e toda melada por fora. Era uma substância escorregadia, sem cheiro, com a consistência de lubrificante. Vaselina... Ou algo orgânico? Dela? Minhas mãos ficaram lambuzadas. O vinho era bom e eu sei porque bebi naquela taça. Daquele jeito.